

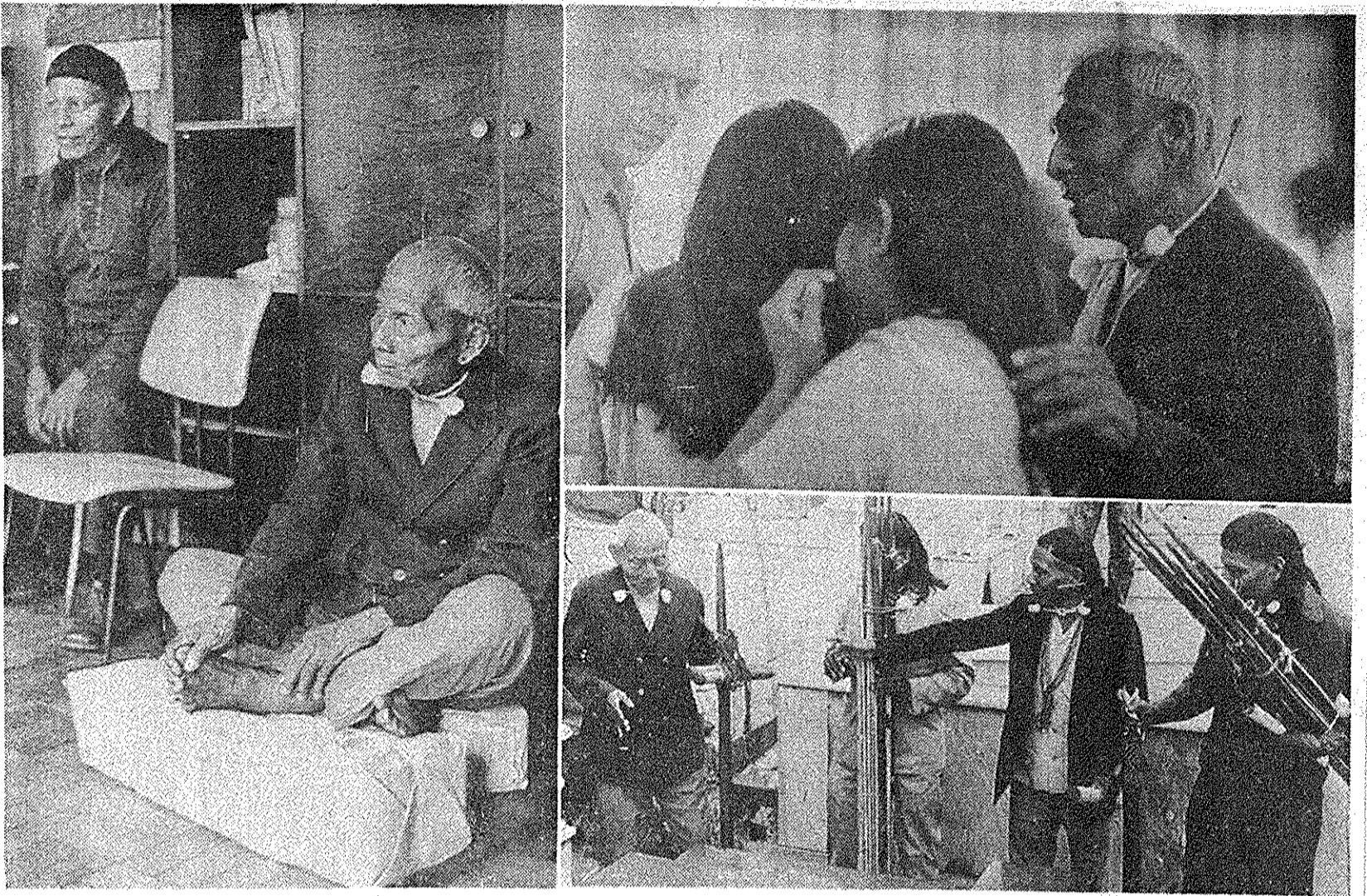
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: P10-Terra 593

Data: 29.09.73

Pg.:



Fotos Carlos Chicarino — Sucursal do Rio

O cacique Apoena, de 95 anos, sentou no chão durante a homenagem a Meirelles e depois visitou a neta cega

Nova prova do Xingu sem lotes

Prece xavante, pela amizade a Chico Meirelles

Da Sucursal do RIO

Nem a chuva nem a distância impediram o cacique xavante Apoena e seus três filhos, Uarodi, Parreri e Xibupá, de cumprir ontem a missão a que se propuseram: homenagear o sertanista Francisco Meirelles, em seu túmulo no cemitério do Caju, no Rio de Janeiro. O ritual indígena foi solicitado à Funai pelos próprios índios e dele também participaram o general Oscar Bandeira de Mello, presidente da Funai, a esposa de Meirelles, Abigail e diversos parentes e amigos do sertanista.

"Aqui ficou nosso amigo. E ficamos contentes de poder vir aqui complementar o seu funeral, porque sabemos que ele gostaria de ter um funeral igual ao nosso. E ficamos contentes de ver seus amigos, por-

que todos os amigos de Meirelles são nossos amigos também". Essa pequena saudação, em dialeto je, repetida diversas vezes, foi acompanhada silenciosamente pelo cacique de 95 anos, que não modificou seus hábitos tribais, permanecendo sentado no chão, sobre embrulhos do facão e enxada que recebeu de um amigo de Meirelles.

Depois da saudação, foi feita uma oração pelos xavantes e colocado sobre o túmulo o símbolo religioso do funeral: dois pedaços de madeira clara, redondos e polidos. Após a cerimônia, os índios entregaram a todos alguns presentes que trouxeram da tribo — cocares, colares, bolsas, adornos de perna, pescoço e braço — o que também faz parte do ritual. A imprensa, Apoena fez apenas questão de frisar que espera, com a abertura de estradas próximas às suas reservas, um maior entrosamento entre brancos e índios.

Dos Correspondentes e da Sucursal

Ramis Bucair, um ex-inspetor do antigo Serviço de Proteção aos Índios e dono da maior empresa de cartografia de Mato Grosso, revelou ontem em Cuiabá que o mapa onde o Parque Nacional do Xingu aparece loteado foi fornecido por ele ao padre Egidio Schawiden, secretário-geral do Conselho Missionário Indigenista. Antontem, em Brasília, o padre denunciou que a reserva indígena estava sendo loteada, mas, conforme já havia esclarecido o sertanista Orlando Villas-Boas, o mapa é anterior à criação oficial do Parque do Xingu.

O padre Egidio esteve em meu escritório — disse Bucair — e perguntou-me se eu possuía algum mapa relacionando os antigos proprietários das terras onde hoje está o Parque Nacional do Xingu. É claro que tinha e tenho. O missionário esqueceu, tão somente, que com a assinatura do decreto que criou o parque, em 14 de abril de 1961, no governo Janio Quadros, aqueles títulos tornaram-se nulos. Essa nulidade, no entanto, não impede que existam arquivos para consulta sobre as antigas propriedades.

Ramis Bucair afirma que possui "um dos mais completos arquivos cartográficos de Mato Grosso, que tem servido, inclusive, para orientar a Funai e os novos proprietários que querem saber se suas terras estão localizadas ou não em reservas indígenas". Os mapas são elaborados com ajuda dos cartógrafos de registro de imóveis.

Acho que a denúncia do padre nem merecia comentários. Mas, levando-se em conta as suas boas intenções, prefiro esclarecê-lo, para que não continue a afirmar coisas que desconhece.

FUNAI DESMENTE

A Funai, em Brasília, também desmentiu o loteamento atual do Parque do Xingu e negou que tenha expedido, desde que foi criada — em 1967 — "qualquer certidão que não fosse negativa a respeito da situação do Xingu e de outras terras ocupadas por índios. Por outro lado, não está existindo e jamais existiu, desde a criação do parque em 1961, qualquer problema relacionado com suas terras".

Gripe na aldeia dos kranhacãrores

O sertanista Antonio Campinas, que está dirigindo a missão da Funai junto aos índios kranhacãrores, enviou ontem um radiograma a Brasília informando que um surto de gri-

pe está se alastrando entre os índios. Até agora não houve mortes, mas os técnicos do órgão estão preocupados porque os kranhacãrores — os chamados gigantes — estão em contato há pouco tempo com os sertanistas e por isso seu organismo não possui defesas eficazes contra enfermidades do tipo gripe. A única doença até agora verificada entre eles, desde o contato feito com os irmãos Villas-Boas no começo do ano, foi uma dermatose, logo combatida pela equipe da Funai.

Funai nada sabe sobre os canibais

O antropólogo Helio Rocha, da Funai, disse ontem que não está confirmada a existência de índios antropófagos nas imediações da rodovia Perimetral Norte, embora o órgão esteja checando as informações "vagas" que recebeu dos índios tíriós sobre isso. O antropólogo está em Manaus, juntamente com o superintendente da Funai, Ismarth de Oliveira, que ontem se reuniu com representantes do DNER e das empresas que estão construindo a estrada.

A reunião foi vetada aos jornalistas, mas, à saída, o general Ismarth disse que a Funai está convencida de que a área mais crítica da Perimetral Norte situa-se entre Macapá e Mitum, perto da fronteira com a Colômbia, onde estão tribos que ainda não entraram em contato com os civilizados. Isso, segundo o general, é compensado por regiões consideradas "tranquilas" — como a de Caracará (RG) a São Gabriel da Cachoeira (AM) e Cruzeiro do Sul, no Acre, embora o pessoal das construtoras não tenha a mesma opinião.

A Camargo Correia e a Queiroz Galvão, por exemplo, estão sobrevoando as aldeias existentes nos seus trechos para aferir o nível de perigo dos índios.

O general Ismarth de Oliveira passou então a falar sobre as atividades da Funai fora da Perimetral Norte. Desmentiu a instauração de inquerito no órgão para esclarecimento das denúncias do ex-diretor Amaury Sadock de Freitas, que saiu da Funai acusando-a de se dedicar mais aos funcionários que aos índios. Contudo, revelou que o Departamento Jurídico do órgão vai processar as pessoas que espancaram um índio macuxi, em Roraima, e para isso já pediu ajuda do governador do Território no sentido da identificação dos sevidores.

Quanto ao convenio da Funai com a Cruz Vermelha Internacional — cuja assinatura está anunciada há varios meses, mas ainda não se concretizou — o general assegurou em outubro os dois organismos vão se reunir, no Rio, para estabelecerem a participação da Cruz Vermelha na assistência aos índios.